



ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Erick Juma Ogone¹
Kathy Meza Trafian Santos²
Beatriz Moraes de Abreu³
Orivaldo Rocha da Silva⁴

RESUMO

Este trabalho analisa como se dá a alfabetização de crianças com deficiência, além de propor como o professor pode construir estratégias que atendam às necessidades dos seus alunos com deficiência, criando situações de aprendizagem exitosas. O foco desta pesquisa são estudantes com deficiência auditiva, sobretudo, alunos surdos. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), nesses casos, torna-se a língua materna, pois é utilizada pela família desde a primeira infância, enquanto a língua portuguesa, por sua vez, apresenta-se como uma segunda língua, sobretudo, quando a criança entra na idade escolar. Como referências teóricas, são abordados trabalhos de Peixoto (2019), Carvalho; Ferreira (1997) e Vygotsky (1978). Dessa forma, pretende-se evidenciar que a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais é determinante para que as crianças surdas tenham melhores chances de desenvolvimento social e escolar, além de discutir como aqueles que aprendem Libras têm mais facilidade para ler e escrever em português, de acordo com o Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento Escolar do Surdo Brasileiro (PANDESB, 1999-2009). A pesquisa destaca que o aluno surdo deve ser considerado e valorizado em ambiente escolar, aplicando metodologias que o incluam, conforme consta na Lei 14.191/2021, a qual precisa ser fielmente aplicada em instituições de ensino.

Palavras-chave: Surdez; Alfabetização; Educação Inclusiva.

ABSTRACT

This work analyzes how literacy is provided for children with disabilities, in addition to proposing how teachers can build strategies that meet the needs of their students with disabilities, creating successful learning situations. The focus of this research is students with hearing impairment, especially deaf students. The Brazilian Sign Language (LIBRAS), in these cases, becomes the mother tongue, as it is used by the family since early childhood, while the Portuguese language, in turn, presents itself as a second language, especially when the child enters school age. As theoretical references, works by Peixoto (2019), Carvalho; Ferreira (1997) and Vygotsky (1978) are discussed. In this way, we intend to highlight that learning the Brazilian Sign Language is crucial for deaf children to have better chances of social and academic development, in addition to discussing how those who learn Libras find it easier to read and write in Portuguese, according to the National Assessment Program for the School Development of the Brazilian Deaf (PANDESB, 1999-2009). The research highlights that deaf students must be considered and valued in a school environment, applying methodologies that include them, as stated in Law 14,191/2021, which needs to be faithfully applied in educational institutions.

¹ Graduando do Curso: Licenciatura em Linguagens da Faculdade SESI de Educação, erickjuma26@gmail.com

² Graduanda do Curso: Licenciatura em Linguagens da Faculdade SESI de Educação kathytrafian@gmail.com

³ Mestra em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena, beatriz.abreu@sesisp.org.br

⁴ Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, orivaldo.silva@sesisp.org.br



Key Words: Deafness; Literacy; Inclusive Education.

INTRODUÇÃO

A história dos surdos nos mostra o quão árdua tem sido a luta desta comunidade no mundo. Na antiguidade, o povo espartano matava crianças que nasciam com alguma deficiência física ou intelectual, cortavam-lhes a garganta ou asfixiavam-nas. Para esta cultura, era uma traição ao país poupar a vida de uma criança com deficiência (BERTHIER, 1984, p. 165). Já em Roma, na Antiga Grécia e na Idade Média eram considerados um incômodo para a sociedade ou eram jogados no fogo ou no Rio Tigre, e chamados de inválidos, e muitos às vezes eram condenados à morte e quando conseguiam sobreviver eram abandonados à própria sorte e em alguns casos eram colocados para trabalhar em moinhos empurrando a manivela, e viviam como escravos.

Por outro lado, no Egito e na Pérsia os surdos eram privilegiados e respeitados, pois eram considerados mediadores entre os faraós e os deuses. Logo na sequência, nos anos de 1500, Girolamo Cardano conseguia comunicar-se com os surdos com a língua de sinais e escrita uma vez que ele acreditava que os sinais e o corpo também podiam ser uma linguagem, como também Ponce de Leon (1514-1584) ensinava na primeira escola para surdos em Valladolid Espanha para duas irmãs surdas sua metodologia, que era a datilologia escrita e a oralização; ele criou uma escola para professores de surdos e quando morreu Girolamo seu método caiu em desuso.

Sem esquecer que também na Espanha, Juan Pablo Bonet publicou um livro sobre educação de surdos, no qual ensinava seu método oral de alfabetização da surdez, e ao mesmo tempo acabou defendendo o ensino do alfabeto manual. Posteriormente, com o avanço do tempo, o esforço e apoio de John Bulwer, a linguagem de sinais foi capaz de expressar os mesmos conceitos da linguagem oral. Em uma sua publicação, ele falou sobre o uso do alfabeto manual, linguagem de sinais e leitura labial em *Quirologia*. Na mesma nota, na França, o abade Charles Michel de L'Epée fundou o Instituto para jovens surdos e mudos em Paris, usando o alfabeto manual de Pablo Monet e também outras 21 escolas para surdos na França e em outras regiões da Europa.

Na América, Thomas Hopkins foi pioneiro no ensino de surdos nos Estados Unidos, e em 1855 no Brasil Eduardo Huest, um professor francês, veio para criar a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro, o Imperial instituto dos surdos-mudos, hoje chamado Instituto



Nacional dos surdos - INES e surge a mistura de livros franceses com o sistema usado pelos surdos no Brasil, a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

Continuando no Brasil, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases permite a inclusão e logo a seguir a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão dos surdos, e a Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010 regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais. Por meio dessa lei, já tem início uma nova era na educação brasileira, possibilitando o bilinguismo em sala de aula e tornando a alfabetização dos surdos mais democrática desde os anos iniciais da educação básica. A regulamentação por meio de força de lei deixa uma marca positiva na luta dos surdos no Brasil pelos seus direitos de cidadania e à educação.

A alfabetização de surdos e alunos com deficiência auditiva é um grande desafio para a maioria das escolas. Nesses espaços formais, muitas vezes há confusão sobre os termos "deficiente auditivo", e "surdo", tanto na definição quanto na adequação de uso. Quando se trata do termo deficiente auditivo, este é frequentemente utilizado para descrever pessoas com qualquer grau de perda auditiva, de leve a profunda, incluindo surdos e deficientes auditivos.

Dificuldade auditiva refere-se a uma perda auditiva na qual pode haver audição residual suficiente para que um dispositivo auditivo, como um aparelho auditivo ou sistema FM, implantes cocleares e implantes auditivos ancorados no osso que auxiliam esse público com perda auditiva para processar e ouvir a fala. Quando falamos do aluno ou da pessoa surda, esta é uma pessoa que não consegue ouvir totalmente sem usar um aparelho auditivo.

Embora a adaptação de próteses auditivas seja recomendada para pessoas surdas e deficientes auditivos, algumas vezes esses aparelhos podem não fornecer resultados eficientes quando se trata de situações avançadas como um ambiente muito barulhento, portanto, para que esses aparelhos funcionem, é necessário um ambiente calmo e livres de reverberação para o propósito efetivo de oferta.

Pensando em como surdos e deficientes auditivos podem se sentir incluídos nas atividades escolares e no ambiente escolar, a escola deve pensar rapidamente em estratégias para fazer com que esse público se sinta acolhido e seguro na sala de aula e no ambiente escolar. Isso pode ser garantido quando o papel do professor e da escola são definidos de forma que esses alunos sejam incluídos no ambiente de aprendizagem, permitindo a sua participação e contribuição nos processos junto a outros alunos durante os trabalhos em aula e quando do desenvolvimento de quaisquer outras atividades que ocorram na escola.

Da mesma forma, nós pensamos no papel dos professores e das escolas na inclusão de surdos e alunos com deficiência auditiva na escola. Não devemos esquecer dos seus pais,



responsáveis e familiares que são muito importantes porque também precisam ter conhecimento de como podem se comunicar com esse público, quando esses alunos com deficiência auditiva se envolvem com seus pais e com todos os participantes do processo educativo, buscando compreender a surdez e reconhecendo a importância da língua de sinais como primeira língua para esse público.

O objetivo principal deste trabalho é analisar a trajetória de alfabetização de alunos e pessoas com deficiência auditiva, pesquisando pensando como esses alunos com problemas auditivos podem ser alfabetizados e quais são as importâncias de alfabetização e Libras, e pensar em como a literatura é importante para a sociedade surda. Analisar estratégias pedagógicas para esse público sobre como o processo de alfabetização pode ser alcançado seja no ambiente escolar ou em casa.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como um trabalho de revisão bibliográfica. Foi realizado um levantamento do acervo referente à alfabetização de estudantes surdos, em espaços como o *Google Acadêmico*, em artigos e livros científicos que abordam a alfabetização de surdos e alunos com deficiência auditiva. As palavras-chave aplicadas no *Google Acadêmico* resultaram na restrição de pesquisa “alfabetização de alunos surdos entre 1968-2023” e o resultado foram aproximadamente 13.800 artigos, trabalhos acadêmicos e livros que tratavam do tema.

Foram considerados apenas periódicos com classificação A1, tais como: *Revista Brasileira de Educação* (2020) e publicações do espaço *SciELO Brasil*, dentre outras fontes consultadas.

LIBRAS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDANTE SURDO

Reconhecendo a Língua Brasileira de Sinais como a primeira língua dos surdos e dos alunos com deficiência auditiva, Vygotsky (1978) observa que os surdos enfrentam a impossibilidade de interação com os ouvintes, fazendo com que sintam dor e se isolem, pois não conseguem se comunicar ou compartilhar suas emoções devido à falta de linguagem para se comunicar com os ouvintes. Isso nos chama a atenção para a importância da Libras como instrumento de comunicação dos alunos surdos, ajudando-os a participar com facilidade de uma conversa entre os pares e os ouvintes, a dar suas opiniões e a ter facilidade na hora de construir seus depoimentos e relatos.

Nos termos de Mendonça *et al.* (2016, p. 17)



Vygotsky (2001) afirma que a linguagem é responsável pela regulação da atividade psíquica do ser humano, ela faz a mediação na estruturação dos processos cognitivos, possibilitando assim a construção do conhecimento do ser humano. Assim o aluno surdo encontra dificuldade para se comunicar com as pessoas do grupo pelo qual está inserido. Com essa dificuldade do atraso da linguagem as crianças surdas podem apresentar algumas conseqüências como: emocional, social e cognitiva.

Libras não é importante apenas para alunos com deficiência auditiva, mas também para a sociedade e para as comunidades que abrigam esse público, pois até mesmo a legislação está reconhecendo essa linguagem como um instrumento de comunicação para surdos e pessoas com deficiência auditiva. A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 reconhece a legitimidade da Língua Brasileira de Sinais e, com isso, seu uso pela comunidade surda ganha respaldo do poder e dos serviços públicos.

A Língua Brasileira de Sinais auxilia também no trabalho de eliminar barreiras de comunicação entre os alunos com deficiência auditiva e até mesmo com as comunidades das quais eles participam. Libras também permite um melhor conhecimento da comunidade surda, já que tão logo o indivíduo consegue se comunicar através de uma língua e consegue compreender com facilidade, isto acolhe e une a comunidade surda ao restante da sociedade, permitindo a expressão de seus pontos de vista e ideias.

ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA: COMO MELHORAR A COMUNICAÇÃO COM ESSE PÚBLICO?

A Lei nº 12.319 de 1 de setembro de 2010 que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Libras vem apoiar o professor e o intérprete na educação, como também, facilitar o aprendizado de alunos surdos. Deve-se oferecer cursos de Libras nas escolas e mostrar a sua importância para a sociedade e a comunidade, a fim de valorizar essa modalidade como uma forma única de os estudantes com deficiência auditiva poderem se comunicar adequadamente e em sentido amplo.

O uso de frases curtas também impacta no processo de aprendizagem de alunos surdos e com deficiência auditiva. Às vezes, acabamos falando muito rápido e continuamente, sem pausas, e acabamos não percebendo que falar dessa forma pode prejudicar o processo de entendimento e compreensão dos alunos surdos. Por isso, é recomendável comunicar-se com eles usando prioritariamente frases curtas para facilitar a comunicação.

Além de usar frases curtas, o locutor deve falar com clareza para evitar mal-entendidos das palavras. Falar de frente para um deficiente auditivo com clareza e devagar, olhando nos olhos dele é uma recomendação que facilita em muito o entendimento da conversa mesmo para



quem usa aparelho auditivo. Outro aspecto que prejudica a comunicação entre a comunidade e os surdos é quando alteramos o nosso tom de voz, principalmente quando precisamos repetir alguma coisa para os alunos ou pessoas surdas, acabando por elevar o tom de voz. Quando um falante muda o tom, o surdo pode pensar que o falante está nervoso(a) ou brigando, resultando na perda de concentração do surdo. É muito importante que ao se comunicar com pessoas surdas, o tom de voz seja mantido para manter o ambiente calmo e igual aos surdos ou alunos com problema auditivo.

Pensando em ambientes escolares ou de qualquer instituição, durante as aulas ou atividades deve haver um intérprete para ajudar na mediação entre os alunos surdos e o professor. O intérprete facilita a comunicação entre indivíduos que falam línguas diferentes, como é o caso da Libras. A interpretação ajuda a preencher a lacuna linguística, facilitando a compreensão mútua dos indivíduos, a construção de relacionamentos e a comunicação eficaz. Não só a presença de um intérprete na sala de aula facilita o aprendizado e a comunicação, mas também o uso de recursos visuais auxilia na visibilidade como uso de imagens na parede da sala de aula, atividades envolvendo vídeos, utilização do alfabeto manual e aplicação de comunicação escrita.

ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR COM ALUNOS SURDOS NA ESCOLA

Pensando em estratégias de como trabalhar ou lidar com a surdez e os alunos com deficiência auditiva no ambiente escolar, primeiramente devemos considerar todo o acesso estruturado pela escola e pelos professores, levando em consideração como o professor deve abraçar a proposta de inclusão e torná-la um desafio. Em nome da preocupação de não causar constrangimentos aos alunos surdos, o professor deve organizar a sala de aula em U, de forma que todos tenham a visão plena do professor durante a aula. Essa medida facilita o aprendizado dos alunos surdos, pois eles conseguirão compreender o conteúdo com mais facilidade.

Além da organização da sala de aula para facilitar a visibilidade, o professor deve proporcionar ou oferecer atividades em grupo que incluam a participação de todos os alunos, para demonstrar igualdade. Isso acontece com todos: quando alguém sente que não é igual aos demais, sentindo-se inferior, sente-se subestimado, fazendo com que passe a acreditar em suposições negativas que podem ser desestabilizadoras e podem também vir a gerar dúvidas acerca de suas próprias habilidades. É a mesma situação com o alunos surdos no ambiente de sala de aula. Se não forem acolhidos e incluídos, podem começar a questionar o que eles têm de diferente em relação aos outros, o que normalmente leva a um sentimento de desestabilização emocional.



Para evitar tais situações, o professor ou intérprete deve evitar comparar os alunos, desafiar o pensamento dos alunos surdos, quando estes pensam negativamente sobre a sua surdez, e encorajá-los a pensar que estão a melhorar. E dar a eles oportunidades de participar ativamente das atividades.

Outro ponto muito importante: o educador deve fornecer aos alunos um resumo provisório da atividade da aula em formato escrito, para permitir que o intérprete e os alunos surdos possam fazer uma pré-revisão do material antes do início da aula. Trabalhando com alunos com deficiência auditiva ou surdos, recomenda-se também a utilização de conteúdos visuais como imagens, vídeos, músicas e filmes com legendas. É importante destacar que essas atividades visuais proporcionam melhores oportunidades para todos os alunos, de modo que tenham acesso a um currículo que se adapte ou atenda às suas necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu conhecer a história dos surdos e reafirmar a importância do intérprete de Libras na sala de aula e a necessidade de facilitar o estudo do aluno surdo, principalmente no auxílio no processo de alfabetização nos anos iniciais da escola favorecendo assim a sua capacidade cognitiva, do lúdico, da atenção, memória, percepção e de compreensão dos conteúdos e dos processos de socialização e afetividade do aprendiz.

A educação inclusiva também se configura como democrática entre alunos, por permitir o trabalho em grupos para a busca de projetos em comum ou atividades que beneficiem a todos, a fim de evitar o abandono do aluno surdo da escola regular, e garantindo não só o acesso mas também a permanência em toda a formação regular básica, desde o ensino fundamental até o término do ensino médio.

No entanto, e a título de finalização desse estudo, o que se observa no ambiente escolar regular público ou privado é uma escassez de literatura surda, falta de profissionais preparados e fluentes em Libras, bem como a carência de recursos, sobretudo, visuais em sala e a superficialidade da temática da educação dos surdos na própria BNCC.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, L.L.J.; FERREIRA, S.M. **Alfabetização do Deficiente Auditivo**: pdf. 1997. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/68479>. Acesso em: 16 set.2023.



SANTA CASA DE MARINGÁ. **A importância da comunicação em Libras na vida das pessoas surdas**. 2023. Portal Educação. Disponível em:
<https://www.santacasamaringa.com.br/noticia/147/a-importancia-da-comunicacao-em-libras-na-vida-das-pessoas-surdas>. Acesso em: 15 set. 2023.

PEIXOTO, R.C. Entre palavras e sinais: algumas considerações sobre a alfabetização em língua portuguesa de alunos surdos. In: LEURQUIN, E.V.L.F.; LEITÃO, V.M. (orgs.). **Ensino e educação especial**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2019. p. 37-58. Disponível em:
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47380>. Acesso em: 15 set.2023.

FERNANDES, V.M. **A importância da comunicação em libras para surdos brasileiros**: Monografia (Graduação) - UFPB/CE, 48 f. Disponível em:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14177>. Acesso em 2 out.2023

FREITAS, I.F.de. Alfabetização de surdos: para além do alfa e do beta. **Revista Brasileira de Educação**, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6WQDTppcbZMKyHbTyfCbnVC/?format=html&lang=pt>. Acesso em 5 out.2023

KARNOPP, L.B. Literatura surda. **ETD Educação Temática Digital**, v. 7, n. 02, p. 98-109, 2006. Disponível em:
https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em 13 out.2023.

MENDOÇA, *et al.* A importância da comunicação em libras para surdos brasileiros: **Revista Produção e Desenvolvimento**. Disponível em:
<https://revistas.cefet-rj.br/index.php/producaoedevolvimento/article/view/e197/150>. Acesso em 2 out.2023